

**MONSALVO ANTÓN, José María (2020). *Edad Media y medievalismo*.** Madrid: Editorial Síntesis, 373 pp., ISBN: 978-84-1357-044-0.

Em *Edad Media y medievalismo*, José María Monsalvo Antón, professor catedrático na Universidade de Salamanca, distingue e aborda duas Idades Médias diferentes: a Idade Média imaginária e a Idade Média dos historiadores ou profissional. Como complemento, o autor inclui uma análise das fontes medievais existentes, considerando os seus marcos histórico-culturais. O autor esclarece ainda, na introdução, que o conceito de medievalismo a que se refere ao longo da obra corresponde à história que se investiga e ensina nas faculdades, departamentos e centros de investigação, embora também possa ser utilizado como corrente estética contemporânea. Muito centrado na teoria e nas correntes historiográficas dos estudos medievais, o livro em análise reveste-se de um carácter útil, sobretudo, para os estudantes de história e professores, mas também para todos os interessados em Idade Média.

De acordo com os seus objetivos centrais, a obra divide-se em três partes principais, apresentando uma estrutura muito clara e com múltiplos subcapítulos, que permitem uma rápida seleção dos conteúdos que se pretende consultar. O corpo da obra é precedido por uma introdução relativamente breve, mas que aborda alguns aspetos a ter em conta. Para além de explicar o propósito da obra e tudo o que esta não é, num exercício que coloca em evidência, pela negativa, o seu valor, Monsalvo Antón destaca as ciências “auxiliares” da história, que lhe conferem transversalidade, e define ainda o conceito geográfico e temporal da Idade Média, apresentando a variabilidade da periodização, que, naturalmente, não deve ser rígida.

Na primeira parte, intitulada “La Edad Media. Imagen y realidad”, o autor centra-se nas imagens que têm sido construídas acerca da Idade Média, ao longo dos tempos, desde a sua própria invenção pelos humanistas italianos para se referirem à época que se seguiu à conversão do Império Romano ao cristianismo e que eles consideravam de declínio. Depois de refletir sobre a visão que os humanistas tinham do período medieval, que, no entanto, não se estendia a toda a Europa Ocidental – veja-se o caso da Castela quatrocentista que não “se avergonzó de la Edad Media propia” (p. 23) – José María Monsalvo Antón analisa as opiniões e construções dos ilustrados ou pensadores do “Século das Luzes”, que viam na Idade Média uma idade obscura, por oposição à sua época, e a sua valorização pelos teóricos do Romantismo e do nacionalismo para servir, em parte, propósitos políticos bem definidos. Ainda acerca das imagens que se criaram da Idade Média, o autor dedica um subcapítulo à cultura de massas e à

percepção que esta, através da literatura, do cinema e de outros meios, desenvolveu acerca daquele período, apresentando e comentando cronologicamente vários títulos literários e cinematográficos, que têm contribuído “de forma contradictoria (...) a moldear la imagen popular de la Edad Media” (p. 48). Esta parte termina com um capítulo intitulado “Reivindicación de la Edad Media desde el presente”, no qual Monsalvo Antón procura desconstruir os mitos criados e defender a importância da Idade Média para o Ocidente europeu (o autor deixa claro que é esta a realidade geográfica a que se reporta), apresentando e discutindo sete razões para se apreciar aquela época: o legado de Roma e da Cristandade; o domínio da natureza e o aparecimento das paisagens humanizadas; o dinamismo da economia medieval e do feudalismo; a modernização das estruturas familiares; as identidades territoriais e os poderes políticos; a memória simbólica e o património artístico e cultural; e as línguas e literaturas vernáculas.

Numa parte intermédia entre a Idade Média imaginária e a Idade Média dos historiadores, intitulada “Las fuentes medievales en su contexto histórico”, o autor dedica-se, como o próprio título evidencia, às fontes que temos ao nosso dispor para estudar a época em análise, enquadrando-as no seu contexto histórico. Esta parte começa com um capítulo sobre a tipologia das fontes existentes, dividindo-as, num primeiro momento, em escritas e arqueológicas. O autor reflete sobre os critérios que permitem classificar as fontes medievais (via de transmissão; emissor; intencionalidade ou preterintencionalidade) e mesmo sobre a sua nomenclatura, discutindo quais os termos utilizados pelos historiadores para se lhes referirem (“documentos históricos”; “fontes documentais”; “escritos documentais”), sem deixar de abordar as fontes não escritas ou materiais, entre as quais destaca, naturalmente, as arqueológicas. Este ponto do livro é enriquecido com um quadro de classificação das fontes primárias para a Idade Média, no qual Monsalvo Antón elenca um considerável número de fontes escritas, vestígios materiais e outros tipos, como as fontes linguísticas e etnográficas. São ainda abordadas as grandes coletâneas documentais, resultantes do esforço de editar documentos medievais e antigos, entre as quais se mencionam os *Portugaliae Monumenta Historica* (1856-1917). Por fim, é analisado o contexto ideológico e histórico de produção das principais tipologias de fontes, ao longo da Idade Média, começando pela implantação da cultura intelectual e eclesiástica dos séculos IV a VIII, considerado pelo autor o “primer gran marco cultural que explica un gran volumen de fuentes escritas” (p. 109), e terminando com a arte e iconografia nas épocas românica e gótica. Em cada um dos 14 subcapítulos em que se divide este capítulo, José María Monsalvo Antón apresenta e descreve diversos exemplos de fontes para cada

um dos marcos histórico-culturais, nomeadamente as crónicas, os vestígios arqueológicos alto-medievais, mas também pleno e baixo-medievais, as fontes artísticas, os textos jurídicos e a literatura. Este capítulo revela-se de particular interesse por permitir situar no tempo as principais fontes medievais e relacionar a sua produção com o contexto histórico-cultural em que surgiram.

A terceira e última parte corresponde à mais extensa da obra e centra-se no medievalismo profissional, desde os inícios do século XX até à atualidade. Seguindo uma ordem cronológica, esta parte divide-se em três capítulos principais: dos inícios do século XX até à Segunda Guerra Mundial; da Segunda Guerra Mundial aos anos 80; e o medievalismo nas últimas décadas do século XX e começos do século atual. Em todos estes capítulos Monsalvo Antón aborda as grandes tendências do medievalismo do período considerado, colocando em evidência as principais correntes e temáticas desenvolvidas por cada uma delas. Num primeiro momento do século XX, salienta-se a crescente profissionalização do medievalismo, em ligação com o desenvolvimento das especialidades académicas, com particular enfoque nas figuras pioneiras da história medieval espanhola, como Eduardo de Hinojosa, Ramón Menéndez Pidal e Claudio Sánchez-Albornoz. Depois de um período em que as novidades da linguística, da sociologia, da antropologia ou do marxismo não foram devidamente aproveitadas pelos historiadores, salvo raras e relevantes exceções, como Johan Huizinga e Henri Pirenne, o grande salto deu-se com a formação da escola dos Annales, considerada pelo autor da obra em análise como “la gran escuela historiográfica del siglo XX” e “la gran ‘revolución historiográfica’ del siglo XX” (p. 186), que se materializou na revista do mesmo nome, fundada em 1929 por Lucien Febvre e Marc Bloch. Superava-se, assim, a história política, recorria-se a métodos analíticos rigorosos, integravam-se as ciências sociais e procurava-se a globalidade dos fenómenos do passado – como refere Monsalvo Antón, eram estes os estandartes da primeira geração dos Annales (p. 188).

O período seguinte, da Segunda Guerra Mundial aos anos 80, ficou marcado pelo aumento dos recursos e investimento e pelos avanços qualitativos de tipo metodológico, que se seguiram à estagnação provocada pela guerra. O autor centra-se, por isso, nas grandes alterações desta nova etapa, destacando o relevo que os métodos quantitativos vieram a alcançar, e em duas correntes de grande importância: a “nova história”, enquanto esplendor máximo dos Annales e responsável pelo triunfo da “história das mentalidades”, e a influência do marxismo até aos anos 80. Neste capítulo, José María Monsalvo Antón dedica também parte da sua atenção ao elenco e descrição de outras linhas e temáticas que se desenvolveram até àquela década, salientando, sobretudo, a história rural, o debate sobre o feudalismo, as cidades, a pobreza, a marginalidade e os

conflitos, as elites do poder, a história cultural e a micro-história. Por último, o autor particulariza o caso de Espanha no pós-guerra e a influência do franquismo, que constituiu um ponto de inflexão no medievalismo espanhol, através da instrumentalização da Idade Média, até à “geração de 68” e à transição dos anos 70 e 80. Nestas décadas, desenvolveram-se os grandes estudos económico-sociais dedicados à história agrária, história urbana e aos conflitos sociais.

O livro termina com um capítulo sobre o mais recente medievalismo, que se caracteriza, no geral, pela rejeição da história positivista ou historicista, pelo auge da história cultural ou das mentalidades, pelo apelo à interdisciplinaridade e pela cada vez maior especialização. No entanto, como o autor alerta, nem sempre é fácil perceber o que é novidade depois dos anos 80, por comparação com a historiografia anterior, onde se encontram bons precedentes do que se tem feito desde aquela década. De qualquer modo, regista-se uma progressiva expansão dos estudos medievais, muito graças à crescente especialização e à multiplicação de centros de investigação, onde se desenvolvem projetos de investigação financiados. Ao mesmo tempo que se assiste a esta extrema especialização, as grandes escolas historiográficas têm-se vindo a diluir, mantendo-se, no entanto, e de forma mais modesta, a influência, ao longo dos anos 90 e inícios do novo milénio, dos Annales, agora na sua quarta geração, à qual Monsalvo Antón dedica uma parte deste capítulo. Neste sentido, o autor destaca, entre outros, Georges Duby e Jacques Le Goff, que continuaram a publicar até às respetivas mortes, em 1996 e 2014, sem deixarem de acompanhar as novas tendências historiográficas, e Jean-Claude Schmitt, discípulo direto de Le Goff e um dos representantes da quarta geração dos Annales, no que respeita à história cultural e das mentalidades. Segue-se uma análise de outros temas que têm vindo a captar a atenção dos medievalistas nas últimas décadas, através da sua caracterização e identificação dos mais relevantes autores. Entre estas temáticas, algumas clássicas, mas que agora se renovam, contam-se a história rural, que tem beneficiado da influência de outras áreas, como a arqueologia e a antropologia; os “feudalismos”, concedendo particular atenção às variações nacionais ou regionais; a história urbana, que inclui, por exemplo, os estudos sobre as elites urbanas e os grupos marginais; e as elites do poder. O autor dedica ainda um último subcapítulo ao mais recente medievalismo espanhol, fazendo uma síntese da situação geral dos estudos sobre história medieval e apresentando as mais recentes temáticas e perspetivas desta área no país vizinho.

José María Monsalvo Antón conclui esta obra com algumas das novas perspetivas de estudo no campo da história medieval, chamando a atenção para o facto de que, mais do que de “medievalismo”, devemos falar de “medievalismos”. Lança ainda alguns desafios para os medievalistas atuais e centra-se na revolução

digital e nas vantagens que esta traz para os estudos históricos.

A obra em análise merece ainda destaque pelos recursos que inclui. Monsalvo Antón teve o cuidado de selecionar nove textos, que correspondem a excertos de obras ou artigos consagrados sobre conceitos e tendências historiográficas do medievalismo, a cada um dos quais se segue um comentário da sua autoria. Acrescentou ainda uma lista de debates, glossários e grandes coleções de fontes, com uma breve explicação, e uma relação representativa – e não exaustiva, como frisa o autor (p. 365) – de revistas de história medieval ou de história ou humanidades, que regularmente contemplam artigos sobre aquela especialidade. No final, o autor optou por uma bibliografia selecionada, que deve ser complementada com a lista completa e atualizada das fontes bibliográficas, disponível online, no site da editora Síntesis.

Através de *Edad Media y medievalismo*, José María Monsalvo Antón percorreu séculos de “construção” de múltiplas representações da Idade Média e de produção historiográfica sobre este período, detalhando a sua evolução e apontando os seus protagonistas. Esta é, acima de tudo, uma obra de síntese sobre as imagens da Idade Média e a historiografia medieval, mas com muitas mais-valias para todos aqueles que estudam ou se interessam por este período, sejam eles estudantes, investigadores, professores ou simples curiosos. O autor elenca obras literárias e cinematográficas sobre a Idade Média, tece comentários sobre as mesmas, enumera e descreve as fontes medievais e ainda analisa ao pormenor as sucessivas escolas historiográficas e principais temáticas investigadas, desde os inícios do século XX até à atualidade, com uma escrita fluída e de leitura acessível. Estamos, pois, na presença de um livro com várias potencialidades quer para os estudantes, quer para os professores de história medieval, que nele encontram um repositório de temas e bibliografia a explorar nas suas disciplinas.

ANA RITA ROCHA

Universidade NOVA de Lisboa, FCSH, IEM | Universidade de Coimbra, CHSC

anarita.srocha@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-4709-5927>

